

MEGAESÔFAGO EM CÃES

SCHUMANN, Carla Xavier.¹
BALBINOT, Luane Maria.²
FONTIN, Millena Meurer.³
GUSSO, Ana Bianca.⁴

RESUMO

O megaesôfago é a condição que se refere à dilatação esofágica, bem como sua hipomotilidade. Pode ser classificado como primário e secundário, apresentando forma congênita, idiopática, adquirida ou subjacente à uma condição existente. Acomete cães jovens e adultos, sem predileção por idade ou sexo. O tratamento é dependente da condição em que o animal se encontra e a causa dessa. Normalmente o paciente é submetido ao manejo alimentar onde é colocado em uma plataforma elevada, ou em uma cadeira que o faça permanecer em estação, para que receba auxílio da gravidade ao ingerir alimentos pastosos, facilitando a condução deste até o estômago.

PALAVRAS-CHAVE: Megaesôfago, congênito, adquirido, cães.

1 INTRODUÇÃO

Alterações fisiológicas no trânsito alimentar podem ser resultados de inúmeras causas. Decorrente das disfunções de motilidade e peristaltismo, o megaesôfago é uma alteração clínica que ao longo dos anos, vem sendo tratado com maior cuidado, devido à maior facilidade de acesso às informações quanto suas causas, tratamento e manejo, bem como melhorias quanto ao fornecimento de alimentação dos pets. O presente trabalho objetiva apresentar de maneira breve quais os tipos de megaesôfagos encontrados, tratamento e conduta a ser seguida em cada caso.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os alimentos e líquidos ingeridos pela cavidade oral, são transportados até o estômago pelo esôfago, função que é realizada devido a presença de músculos estriados, esfíncter superior do

¹Acadêmica de Medicina Veterinária do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. E-mail: carlaxavierschumann@hotmail.com

²Acadêmica de Medicina Veterinária do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. E-mail: luane.balbinot@gmail.com

³Acadêmica de Medicina Veterinária do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. E-mail: millenameurerfontin@gmail.com

⁴Residência em Clínica médica de pequenos animais. Mestre em Saúde Animal com ênfase em Cardiologia Veterinária. E-mail: anabiancagusso@gmail.com

esôfago, músculos estriados e lisos do corpo esofágico e pelo musculo liso do esfíncter do esôfago. Sendo controlados por mecanismos reflexos, são estimulados com a passagem do alimento pela faringe, provocando o peristaltismo esofágico (TANAKA et al., 2010).

De acordo com Minuzzo et al. (2021), o megaesôfago é caracterizado pela alteração da fisiologia do trânsito alimentar, decorrente da disfunção da motilidade e peristaltismo. As causas podem variar de estenose secundária à inflamação da musculatura esofágica, até a permanência do quarto arco aórtico.

É possível classificar essa alteração em primária, onde temos a forma congênita, idiopática e adquirida. Ou ainda, classifica-se como secundária, quando é resultante de obstruções esofágicas ou disfunções neuromusculares (SILVA, 2019).

2.1 MEGAESÔFAGO CONGÊNITO

Caracterizado pela hipomotilidade e dilatação generalizada do esôfago. Provoca regurgitação e em neonatos, deficiência no crescimento (TANAKA et al., 2010). Diante disso, quando os sinais são observados em animais jovens, a suspeita torna-se mais provável de confirmação.

A causa e período de ocorrência dos sintomas, são fatores que influenciam o prognóstico, conforme descreve Alves et al. (2013).

2.2 MEGAESÔFAGO IDIOPÁTICO

Mais comumente em cães adultos, principalmente naqueles que apresentam no histórico fatores estressantes, como fraturas e traumatismos (ALVES et al, 2013).

Segundo Bernardi (2017), pode haver a forma idiopática congênita, onde os sinais clínicos aparecem em filhotes logo após o desmame, ou ainda, forma idiopática adquirida, caracterizada pelo aparecimento de sinais clínicos na fase adulta do animal.

2.3 MEGAESÔFAGO ADQUIRIDO

Decorrente da inexistência dos movimentos peristálticos, observa-se a dilatação, segundo Silva (2019).

Ocorre de forma espontânea em cães adultos, podendo ser observado em raças puras ou mestiças (JERICÓ; KOGIKA; NETO, 2015).

2.4 MEGAESÔFAGO SECUNDÁRIO

Decorre geralmente das causas primárias, causando disfunções motoras esofágicas, e a partir dessas, o órgão sofre dilatação, conforme descrito por Silva (2019).

As causas principais de megaesôfago secundário, conforme descreve Tanaka et al. (2010), podem ser as neuropatias degenerativas, miastenia grave, hipotireoidismo, tumores, hipoadrenocorticismo, dentre outras.

2.5 TRATAMENTO

Busca-se o estímulo dos movimentos peristálticos esofágicos, ou ainda, diminuição do tônus do esfíncter esofágico inferior, segundo Tanaka et al. (2010).

2.5.1 Megaesôfago Congênito e Megaesôfago Adquirido

O tratamento tem por objetivo evitar a piora da dilatação, sendo indicado o dietético conservador (TANAKA et al., 2010). Neste, o animal fica em estação, apoiado nos membros posteriores em uma plataforma elevada, recebendo alimentação pastosa.

A posição vertical em que o esôfago cervical e esôfago torácico são submetidos, fornece auxílio da gravidade para passagem do alimento até o estômago após a ingestão, conforme descreve Tanaka et al. (2010).

Não há medicação única e exclusiva para o quadro de megaesôfago, mas de acordo com Tanaka et al. (2010), pode-se conduzir o tratamento para as causas subjacentes ou condições associadas, como por exemplo medicações para estimulação de motilidade.

2.5.2 Megaesôfago secundário

Neste caso, deve ser realizado tratamento visando a resolução total dos quadros subjacentes, e conseqüentemente, poderá ocorrer a resolução ou melhora do quadro de megaesôfago (TANAKA et al., 2010).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização do trabalho, concluiu-se que o desenvolvimento da medicina veterinária, vem possibilitando a melhoria da qualidade de vida de pacientes caninos diagnosticados com megaesôfago. Todo tratamento é dependente da condição do animal, ou seja, deve ser acompanhado por um médico veterinário especializado, o qual deverá levar em consideração a necessidade do animal, bem como, acompanhar sua adaptação ao manejo proposto.

4 REFERÊNCIAS

ALVES, Naira Moura et al. Megaesôfago congênito em cão. **PUBVET**, Londrina, V. 7, N. 23, Ed. 246, Art. 1627, Dezembro, 2013. Disponível em: <<http://www.pubvet.com.br/uploads/ce04c52859ab25fb633f78b068a23bef.pdf>>. Acesso em: 11 de Outubro de 2021.

BERNARDI, Júlia Cardoso. et al. Megaesôfago Idiopático em Cão. Adamantina, São Paulo. 2017. Disponível em: <https://eventos.uceff.edu.br/eventosfai_dados/artigos/pequenosanimais2017/745.pdf>. Acesso em: 11 de Outubro de 2021.

JERICÓ, Marcia Marques; KOGIKA Márcia Mery; NETO, João Pedro de Andrade. Tratado de Medicina Interna de Cães e Gatos – Megaesôfago. 1º ED. Roca, Rio de Janeiro, 2015.

MINUZZO, Tainá. et al. Megaesôfago Congênito em Cão. **PUBVET** v.15, n.05, a812, p.1-6, Abril, 2021. Disponível em: <<https://www.pubvet.com.br/uploads/e87ecd6449a1b0f0dcd94c719756e1e1.pdf>>. Acesso em: 11 de Outubro de 2021.

SILVA, Paula Juliana Lopes da. Tratamento de megaesôfago em cão: Relato de caso. 2019. 46f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina Veterinária) – UniRV – Universidade de Rio Verde, Rio Verde, 2019. Disponível em: <<https://www.unirv.edu.br/conteudos/fckfiles/files/Paula%20Juliana%20Lopes%20da%20Silva.pdf>>. Acesso em: 11 de Outubro de 2021.

TANAKA, Neide Mariko et al. Megaesôfago em Cães. **Rev. Acad., Ciênc. Agrár. Ambient.**, Curitiba, Paraná. v. 8, n. 3, p. 271-279, Setembro, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/cienciaanimal/article/view/10880/10277>>. Acesso em: 11 de Outubro de 2021.